

# *Vida moderna: sensações, espetáculo, mercado, cultura e violências*

Recebido em 30-07-2013  
Aceito para publicação em 19-12-2013

1

Márcia Barros Ferreira Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo propõe conexões entre economia, vida material, imagens e as formas de organização do olhar e seus efeitos em curso na modernidade radicalizada presente na sociedade atual. Particularmente, apresentamos reflexões acerca dos processos alienantes de exclusão social e violências inscritas nas novas formas de subjetivação em curso. Nosso propósito é discutir e analisar as premissas e estratégias para a formulação de políticas públicas e sociais de inclusão, no universo das sensações, do mercado, do espetáculo e do consumo que caracterizam a vida moderna, sobretudo no que diz respeito à juventude.

**Palavras-chave:** cultura; mercado; subjetividade; juventude e violência.

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atua na graduação e pós-graduação dos programas de Ciências Sociais e História da UFES. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Possui Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil.

As transformações proporcionadas e criadas pelas Revoluções Industrial e Francesa caracterizam o momento formador de uma nova experiência estética e do tipo de sociedade que lhe deu ensejo na virada do século XIX para o XX, a saber, a sociedade do espetáculo, como a denomina Gilles Debord.

As experiências culturais evidenciadas antes da fotografia e das rupturas do impressionismo na virada do século passado implicaram um processo no qual a ciência e o cotidiano convergiam para definir um novo estatuto para o olhar. Esse estatuto está associado a uma sociedade escópica e regulada pelo relógio, o que expande a produção e consumo de mercadorias pautadas por atividades industriais e por uma circulação urbana que exige de seus habitantes, notadamente no campo visual, atenção, precisão, velocidade e medida.

Partindo dessa premissa trazemos o texto de Crary (2004) e sua análise do quadro de Manet (*Na Estufa*, 1879 e *A Leitora*, 1879), onde o autor conecta o tema da fixação do instante (focalização) e o da mobilidade (reconhecimento da instabilidade do olhar) relacionando-a com a questão do cinema dentro da problemática da continuidade e descontinuidade. O tema central de Crary são as novas respostas corporais para a estimulação, a superestimulação e os problemas relativos à atenção e à distração. Seu foco é que a percepção na vida moderna tornou-se uma atividade instável e o corpo do indivíduo moderno, um tema tanto de experimentação quanto de novos discursos. Assim, destaca a técnica da pintura impressionista de Manet e da psicologia como forma de regular e controlar um ator recém-mobilizado: o indivíduo moderno.

Na esteira dessa discussão interessa-nos apontar que tanto a reprodução mecânica quanto a mobilidade de produtos, consumidores e nacionalidades caracterizam formas de cultura comercial na virada do século e mapeiam um terreno comum de problemas e fenômenos que definem o moderno.

Nesse sentido, os estímulos e as distrações da modernidade tornam a concentração da atenção mais virtual. À luz da psicologia científica desse período, a atenção foi descrita como aquilo que impede a nossa percepção de ser um fluxo caótico de sensações, contudo a pesquisa mostrou-a como uma defesa incerta contra tal caos. A atenção sempre conteve em si as condições para sua própria desintegração. Desse modo, a atenção e a distração não são

dois estados essencialmente diferentes, mas existiam em um único *continuum*. Crary (2004) traça essa ambiguidade por meio do discurso da psicologia científica e dos quadros de Manet mencionados. A ênfase da análise de Crary é que Manet esforçou-se para tornar visível o potencial do espectador tanto para a atenção quanto para a distração.

A partir desses apontamentos, o importante a destacar é que a tensão entre o foco e distração estabeleceu os termos para um intercâmbio mais amplo entre mobilidade e estase e entre a efemeridade das sensações em um momento fixo de representação. Assim, agitação e riso, violência, decadência, eletricidade e esquecimento são formas de expressões simultâneas das mudanças na experiência subjetiva na modernidade.

Diante desse quadro de transformações no campo sensorial, o espetáculo é o imperativo, e torna-se cada vez mais difícil reconhecer e lidar com os conflitos, as diferenças, a velhice, a morte etc. Existe um complô sofisticado e por isso mesmo sutil, que engendra um mecanismo que a psicanálise chama de recusa, ou seja, *“mecanismo psíquico central na formação das psicoses, fetichismo nuclear e também no processo normal do desenvolvimento infantil”*.<sup>2</sup> No âmbito da recusa, diferentemente do que ocorre no processo de recalque, as representações não estão ausentes do campo consciente; ao contrário, é o seu sentido. Portanto, o senso de realidade fica turvo e ambíguo, é um mecanismo de rejeição da realidade. Dessa forma, podemos inferir que o discurso da relativização, tão presente na atualidade, é uma forma de ocultação do conflito, não permitindo a percepção crítica da realidade.

Esse mecanismo contém um cinismo típico da ideologia tão facilmente aceita na modernidade líquida (Bauman, 2007), onde tudo parece ser exatamente aquilo que não é (Janeson, 2002). Parecer o que não é. Eis o fetiche fundamental inerente e imanente aos fatos cuja lógica cultural é virtualmente ideologizada e o poder da crítica encapsulado, dificultando o desvendamento, não do que está por trás, mas do que está ali, na cara, e não é visto porque parece ser efetivamente outra coisa (Rodrigues, 2006).

---

<sup>2</sup> Maia, 2003, p.83.

Esse processo de representação fetichizada sofre inflexão do mercado e da subjetividade, tornando os intelectuais e os artistas em geral, simultaneamente, poderosos e vulneráveis pela superexposição pública. Dessa forma, podemos observar um novo paradigma da comunicação que leva necessariamente a uma nova forma de linguagem que produz efeitos diversos. Assim, a exposição midiática pode produzir efeitos devastadores, para o bem e para o mal. Nesse sentido, o papel do intelectual e do artista é potencialmente cada vez mais importante e decisivo, embora, paradoxalmente, mais vulnerável.

O empresário capitalista cria junto de si o técnico industrial, o especialista em economia política, os organizadores de uma nova cultura e de um novo sistema legal. Estes intelectuais e artistas têm que inventar e criar técnicas para ganhar maior fatia do mercado, ganhar adesão de clientes potenciais, obterem aprovação, nortear o consumidor ou o eleitorado etc. Assim, locutores de rádios, apresentadores de programas de TV, profissionais acadêmicos, atores, analistas de informática, advogados das áreas de esporte e de meios de comunicação, consultores de administração, especialistas em política, conselheiros de governo, autores de relatórios especializados e jornalistas tornam-se poderosos e mais propensos à lógica do capital.

Face ao exposto, enfatizamos que uma forma de escapar dessa lógica é buscar capturar os sintomas (pistas, indícios) na sociedade virtual, do espetáculo ou escópica, onde o signo se separou do objeto e se materializou sob a forma do simulacro. A lógica do capitalismo nesta face atual é o puro jogo aleatório dos significantes (Janeson, 2002). O desafio é perceber as ideologias a partir das manifestações culturais da sociedade imagética, ou seja, vídeo, cinema, internet, onde a produção estética está integrada à produção das mercadorias em geral, caracterizada pela produção em série de novidades.

Dessa forma, analisar criticamente a ideologia na sociedade capitalista contemporânea é mais do que nunca fazer a crítica da lógica cultural do mercado. Por isso, o contra ataque deve incidir na crítica estética à sociedade do consumo, onde, por exemplo, a morte pode se tornar mitificada e vendida com glamour, como aconteceu com atores famosos que continuam vendendo depois de mortos. Ou, atualmente, onde a morte de atores famosos significa uma continuidade virtual com o mercado, cada vez mais confundido com a

realidade, a ponto de produzir a recusa da morte, até então única referência real do humano.

Isto posto, destacamos que a despeito de todos esses fenômenos sociais alienantes e contraditórios da experiência moderna, não podemos perder a capacidade de crítica e os aspectos contraditórios dialeticamente presentes nesse processo. Para tal, faremos uma reflexão a partir do que Marshall Berman (2009) denomina de “comunidade” na democracia moderna.

Segundo o autor, algumas dessas formas só aparecem no século XX, quando os sonhos dos imigrantes, as tecnologias da luz elétrica, a fotografia, o transporte em massa, o entretenimento público, a propaganda e a publicidade, a liberdade de imprensa e o poder bruto de milhares de individualismos são lançados juntos na rua, criando espaços de convivência comunitária. São espaços que entrelaçam entretenimento e identidade: “Grandes espetáculos individualistas, onde banhos de luz e “prazer febril” são também modos do Iluminismo, onde orgias de vitalidade levam “perguntas irresistíveis, onde simultaneamente podemos nos divertir muito, aprender quem somos e explorar o que podemos ser”.<sup>3</sup> Trata-se, nesse caso, de uma incursão na moderna cultura comercial de massa. Uma viagem psicodélica.

Destarte, a grande parte de nossa cultura popular atual é organizada pelos conglomerados da mídia; estes são tão desconfiados e hostis em relação às pessoas quanto os conglomerados do aço, das bebidas alcoólicas, de carros etc., “apesar de alguns de seus produtos serem emocionantes e humanamente libertadores. O fato de dependerem de nossa fantasia e sonhos para ganhar dinheiro, não tem contribuído para nos tornar, a eles e a nós, humanamente mais próximos”.<sup>4</sup> Como consequência desse fenômeno ideológico, temos um duplo efeito. A cultura comercial de massa provoca emoção nos espectadores e, simultaneamente, os reduz à docilidade. Esse duplo efeito está inscrito na lógica cultural do capitalismo tardio (Janeson, 2002) e turva o sentido de realidade num mecanismo de recusa ou rejeição, como apontamos alhures.

---

<sup>3</sup> Berman, 2009, p.18-9.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.326-7.

Como parte desse panorama, a modernidade radicalizada entrelaça, na contemporaneidade, o mundo do consumo e das sensações, lazer, prazer e violência. Mercado e cultura se amalgamam de tal forma que é quase impossível distinguir onde começa e termina um e outro. Um dos efeitos mais importantes desse processo materializa-se na violência urbana. Esta se tornou nas últimas décadas um tema político-ideológico que, se associado à discussão do consumo, e, em consequência ao intenso apelo estético, se apresenta como uma importante variável para a compreensão da subjetividade e das relações de poder na modernidade avançada que vivemos na contemporaneidade.

Se analisada a partir da perspectiva do sujeito histórico, compreendendo o processo de industrialização-urbanização e a complexidade das relações sociais no meio urbano, é possível avaliar as diversas formas que a violência assumiu via mercado, e suas manifestações na cultura, produzindo uma estética do consumo que se constitui na lógica do capitalismo. Ou seja, a cultura está totalmente imersa na lógica da mercadoria nesse momento multinacional do capitalismo. Por isso, propicia um campo enorme para análise das violências proporcionadas pelas angústias, medos, desconfiança, inveja, raiva, intolerância, ressentimento e quebra de laços sociais de solidariedade.

Como resultado desse processo, temos o esgotamento do tecido social, a tensão e o conflito exarcebado nas relações sociais rurais e urbanas, o paternalismo na relação Estado e sociedade. Além da seletividade elitista do ensino, o desemprego, o controle repressivo das massas e a ausência de política de integração.

Nesse sentido, levantamos a hipótese de que o consumo é uma manifestação da violência simbólica representada nas diversas formas de exclusão, que, no entanto, opera com a sedução, causando a sensação de pertencimento a qual se refere Berman.

Essa sensação é tão real e vivida com plenitude que podemos experimentar nesses espaços comunitários, simultaneamente, diversão, aprendizado, alienação e fantasia. Embora essa sensação seja proporcionada pelos mecanismos do fetiche presente nesse jogo – em que nossas fantasias e sonhos constituem a base material para a sociedade de consumo – ela não tem contribuído para nos tornar humanamente mais próximos.

Nessa direção, entendemos que o fenômeno da violência é constitutivo da sociedade humana e o consumo é uma forma de violência que não se reduz ao aspecto econômico e/ou estético, diz respeito também à dimensão psíquica do sujeito (Cerqueira Filho, 1997). Nesse sentido, nossa perspectiva abre a possibilidade de reflexão para uma abordagem multidisciplinar envolvendo as dimensões ideológicas, políticas e normativas de grupos excluídos. Oferece também a possibilidade de avaliar estes fenômenos a partir das práticas ditadas pelas normas sociais e mediadas pelas emoções que nos afetam e estão presentes na experiência do cotidiano. É nesta trajetória que nos propomos compreender as relações de consumo fetichizadas e o mecanismo psíquico da recusa.

Na recusa, o que está em questão é a interrupção da dimensão processual da percepção. Tanto a ideologia da perfeição tomista quanto o fenômeno social da recusa inscrevem-se na configuração do trauma na cultura narcísica contemporânea, que se nega a reconhecer as dimensões fundamentais da experiência subjetiva no processo de estruturação psíquica. Isso provoca um “mal estar” que é sintomático na sociedade do consumo.

A manifestação mais pungente desse “mal estar da civilização” situa-se entre os jovens. Estes sofrem sem saber e sem dispor de escuta para comunicar suas dores num mundo que os confinou no lugar do prazer e da alegria. Ou seja, na modernidade e na sua radicalização atual, o jovem não pode expressar seu sofrimento e angústias. “O sofrimento dos jovens faz ruído, mas não fala de si mesmo; exhibe-se em atos extremos (como o suicídio), mas não se enxerga”.<sup>5</sup>

Essa tese levanta a pergunta: Por quê? A resposta é que na dimensão imaginária (da fantasia), a indústria do espetáculo se encarrega de retratar a juventude como perfeita transposição do real para o domínio da imagem. A fantasia da perfeição. Entretanto, na dimensão simbólica que abarca o inconsciente, os tropeços e os desacertos da juventude expressam o avesso daquela imagem triunfal. Por isso, bem mais que os adultos supõem, os jovens sofrem e se angustiam com a falta de consistência e sentido em suas vidas.

---

<sup>5</sup> Kehl, 2008, p.6.

É mister destacar que a reflexão acadêmica sobre políticas sociais voltadas para o tema da violência urbana e juvenil a partir do final da década de 1980 destacou o fenômeno da violência em geral e o aumento significativo do índice de delito, em particular entre os jovens, como um desafio constitutivo e definidor de políticas para a promoção do desenvolvimento humano. Na década de 1990, no auge da ideologia neoliberal, discutia-se a falência do Estado de bem estar social e salientava-se a “terceira via” como saída para a profunda exclusão social promovida pelo capitalismo financeiro. Esta perspectiva apontava as organizações não governamentais (ONGs) como alternativas para o desenvolvimento “sustentável”.<sup>6</sup> Diante desse quadro, observou-se um crescente interesse por dados numéricos traduzidos em estatísticas por meio de gráficos, estimativas e mapas de cunho espacial e georeferencial, com o objetivo de mensurar o desenvolvimento do fenômeno social da exclusão, violência urbana e juvenil, homicídio, evasão escolar, entre outros.

Entretanto, diante da complexidade da explicação do fenômeno social da violência, destacamos que os procedimentos quantitativos, apesar de relevantes como norteadores ou indicadores da dinâmica dos fenômenos sociais em qualquer aspecto, não são suficientes. Entendemos que a origem social do fenômeno da violência é multicausal e multifacetada. Daí o grande desafio. Os números não registram ou mensuram afetos e sentimentos. Nesse sentido, o primeiro aspecto que se destaca é a variedade de formas de apresentação do fenômeno, sem falar na dimensão simbólica ou das representações sociais diferenciadas.

O conhecimento teórico e as experiências práticas atestam o quanto é preciso uma abordagem holística ou universalista na elaboração de programas e/ou planos de intervenção social. É importante destacar que estudos e pesquisas demonstram que não há uma ligação direta entre pobreza, miséria e criminalidade, mas sim entre estes e a má distribuição de renda, por exemplo. A desigualdade social gerada pela má distribuição de renda propicia angústia e medo na sociedade como um todo, gerando desconfiança, raiva, intolerância, ressentimento e quebra de laços sociais de solidariedade, podendo estabelecer

---

<sup>6</sup> O então denominado Estado mínimo era apregoado não só como necessário, mas como uma exigência do mercado, este, elevado à categoria de sujeito, portador de vontade. Nesse sentido voltava-se, de forma reeditada (fetichizada), ao paradigma econômico do século XIX da mão invisível do mercado, da autorregulação como uma lei inexorável.

um estado de passividade e/ou indiferença, ou ódios recíprocos entre os grupos sociais excluídos do processo democrático de participação político-econômica.

Diante desse fato, acreditamos que a eficácia de políticas ou programas de prevenção à violência juvenil, do combate à criminalidade e da democratização do acesso à educação deve levar em conta cinco pressupostos:

- 1- O fenômeno da exclusão social é constitutivo da sociedade capitalista baseada na exploração econômico-social;
- 2- Embora o fenômeno da exclusão social não se reduza ao aspecto econômico é inaceitável a desvinculação de ambos;
- 3- Sem pesquisa social e investimento na capacitação profissional dos operadores sociais não se constrói política pública preventiva e eficaz;
- 4- Medidas de curto prazo não se sustentam, o que não quer dizer que medidas jurídicas e econômicas de caráter mais imediato não sejam bem vindas;
- 5- A inclusão social deve ser também afetiva e baseada no protagonismo para que os operadores sociais possam exercer a função parental do Estado (Legendre, 1983).

Entendemos que a reorientação das políticas sociais no século XXI deve retornar aos fundamentos universalistas ou holísticos, principalmente no que diz respeito aos jovens, tendo em vista a fragmentação social e exclusão que os colocam como vítimas e algozes na dinâmica da sociedade capitalista.

É preciso entender que os jovens, ainda que vivam numa cultura empenhada em fazer deles eternos adolescentes, são aqueles de quem melhor se pode dizer que estão dentro da vida. Tão dentro que não lhes interessa a memória do que foi; tão dentro que a idéia de futuro, ainda que angustiante, não passa disso: uma fantasia. Tão dentro que, na urgência de viver seus dias, não lhes ocorre pensar em si mesmos.<sup>7</sup> Concordamos com a hipótese levantada

---

<sup>7</sup> Kehl, 2008, p.5.

por Maria Rita Kehl, de que os jovens desempenham o papel de “caixa de ressonância dos sintomas da cultura”. Dessa forma, se a sociedade perde referências tradicionais, culturais e morais, essa perda se manifesta na ação e nas escolhas dos jovens. Assim, se a sociedade teme o aumento da violência, os jovens são, diretamente, os principais autores e vítimas dessa situação. Se a cultura se torna predominantemente consumista, os jovens são o “público-alvo” do mercado, a imagem por excelência dos prazeres do consumo. Se a sociedade erotizou-se de alto a baixo, os jovens emprestam seus corpos aos delírios luxuriantes. Seguindo essa linha de raciocínio, os jovens também são depositários da virtualidade contida no presente. Tanto na esperança quanto na desesperança e na descrença que expressam seus impulsos autodestrutivos e suas tendências depressivas.

Estar dentro da vida e ter essa disponibilidade inconsistente é angustiante. E independe de pertencimento de classe, embora esse fator condicione a gravidade dessa condição. A velocidade das inovações desmoralizou a possibilidade de transmissão da experiência entre as gerações. Na modernidade, a matéria simbólica de que se dispõe para confeccionar o destino se desfaz entre os dedos, no ritmo da obsolescência das mercadorias (Walter Benjamin, 1994). Assim, a perspectiva juvenil de inventar a própria vida cobra seu preço em desamparo. Porém, não somos céticos. Necessariamente o desamparo não é o “destino” inexorável dos jovens, portadores do futuro. Para preencher esse vazio da angústia temos que buscar caminhos. Talvez nesses próprios “lugares ou espaços de comunidade” que a experiência moderna propicia como nos aponta Berman.

Acreditamos que mesmo numa conjuntura traumática e fragmentada como a que estamos vivendo, nem sempre o efeito pode ou deve ser a paralisia dos processos subjetivantes. Podemos provocar desdobramentos psíquicos e sociais que tragam a potência para modificar o nosso modo de perceber e estar no mundo. Nesse sentido, o futuro não é para nós, mas somos seus urdidores. Temos que lutar, não importa como, pelo nosso direito à festa. Não importa no que consista essa luta, ela talvez seja a única maneira de traduzir a ideia iluminista do “direito à cidade” (Berman, 2009).

Nesse sentido, todos nós - devemos lutar para sermos considerados sujeitos de direitos e principalmente de desejo, independente de classe social, religião, gênero ou etnia. No

entanto, estrategicamente, acreditamos que os jovens são a mais completa tradução do “mal estar na civilização” e ao mesmo tempo portadores do futuro. Portanto, pensar a juventude é fundamental para entender os efeitos alienantes da sociedade do consumo e do espetáculo, onde cultura e mercado se amalgamaram. As políticas públicas e sociais devem ser formuladas a partir dessa escuta. Para promover o protagonismo e oportunizar a participação cidadã. Devemos lutar pelo direito à cidade como uma conquista dessa sociedade do espetáculo, do consumo e das sensações que caracterizam a vida moderna e da qual todos queremos fazer parte; porém de forma menos traumática e alienante.

## Referências

- BAUMAN, Zygmund (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BAUDRILLARD, J. (1991). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- BERLINCK, Manuel Tosta (2000). "Insuficiência imunológica psíquica. Estudos gerais da psicanálise". In: *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta.
- BENJAMIN, Walter (1994). *Obras escolhidas*. Vol.II. São Paulo: Brasiliense.
- BERMAN, Marshall (2009). *Um século em Nova York. Espetáculos em Times Square*. São Paulo: Cia das Letras.
- CRARY, Jonathan (2004). "A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX". In: *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene (1997). *Emoção e política*. Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor.
- GIDDENS, A. (2003). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- JANESON, Fredric (2002). *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- LEGENDRE, Pierre (1983). *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- KEHL, Maria Rita (2008). *A fratria órfã: conversas sobre a juventude*. São Paulo: Olho d'Água.
- MAIA, Marisa Schargel (2003). *Extremos da Alma. Dor e trauma na atualidade e clínica psicanalista*. Rio de Janeiro: Garamond.
- RODRIGUES, Marcia Barros F. (2006). "As referências identitárias no processo de modernização atual: reflexões indiciárias sobre o caso brasileiro". In: *As identidades no tempo. Ensaio de gênero, etnia e religião*. VENTURA, Gilvan et. alli. (Orgs). Vitória: Edufes.

\_\_\_\_\_ (2010). “Consumo e violência: o fetiche no jogo de dominação da juventude”. In: PIMENTA, Solange Maria *et. alli* (Coords.). *Sociedade e consumo. Múltiplas dimensões na contemporaneidade*. Curitiba: Juruá.

## *Vida moderna: sensações, espetáculo, mercado, cultura e violências*

**Abstract:** this paper proposes connections between economy, material life, images and organization of perception and their effects in nowadays modern societies. Particularly, we introduce reflections about alienating processes of social exclusion and violence entered in the new forms of subjectivity in progress. Our propose is to discuss and to analyze premises and strategies to the formulation of public and social policies of inclusion, in the universe of sensations, spectacle, market and consumption that characterizes the modern life, specially regarded to youth generation.

**Keywords:** culture; market; subjectivity; violence.

**Resumen:** El artículo propone conexiones entre la economía, la vida material, las imágenes y la organización de percepciones y sus efectos en curso sobre la modernidad radical de nuestra sociedad actual. En particular presentamos reflexiones sobre los procesos alienantes de la exclusión social y la violencia introducidos en las nuevas formas de subjetividad. Nuestro propósito es el de discutir y analizar los supuestos y estrategias para la formulación de políticas públicas y sociais de inclusión, en el universo de sensaciones, mercado, espectáculo y consumo que caracterizan la vida moderna, especialmente en lo referente a la juventud.

**Palabras-clave:** cultura; mercado; subjetividade; youth and violence.